Conteúdo Jurídico
www.conteudojuridico.com.br

BREVE HISTÓRIA DA INVESTIGAÇÃO CRIMINAL: A PRIMEIRA BRIGADA DE DETETIVES (SÉCULO XVIII E INÍCIO DO SÉCULO XIX)

BRENO EDUARDO CAMPOS ALVES: Delegado de Polícia Civil do Estado do Tocantins; Graduado em Direito pela PUC-MINAS; Pós-graduado em Direito em Administração Pública; Pós-Graduado em Ciências Criminais.

1 – A "NOVA POLÍCIA"

Na conhecida *Era dos Impérios* - século XIX - o Império Britânico esteve em expansão, sendo que sua capital - Londres - era a maior cidade do mundo durante este período. Apontam-se que no início deste século Londres contava com cerca de um milhão de habitantes e já no final do século a população de Londres já era de seis a sete vezes maior:

> Em 1800 havia apenas dezessete cidades na Europa cuja população era de 100 mil habitantes ou mais, no total menos de 5 milhões. Em torno de 1890 haviam 103 com uma população total mais de seis vezes superior. Desde 1789, o que o século XIX havia gerado não era tanto o gigantesco formigueiro urbano com seus milhões de habitantes apressados — embora entre 1800 e 1880 três outras cidades de mais de um milhão de habitantes tenham se somado a Londres (Paris, Berlim e Viena).[1]

Foi um século de um considerável crescimento populacional, contando com prevenção de doenças, invenções, descobertas, de um maior liberalismo econômico, centros urbanos, alteração do contexto criminal dada a alteração do modo de vida social.

Temos no final do século XVIII e início do século XIX a primeira revolução industrial, com um processo de alteração da produção artesanal pela produção por máquinas, criando o crescimento de cidades, aumentando o fluxo migratório do campo para as cidades, e, neste novo contexto, uma nova realidade criminal surge e o enfrentamento a este novo *status* dos crimes na cidade (desordem) tem uma nova dinâmica de reação estatal: "*durante o séc. XIX, a polícia, especialmente na Europa e nos Estados Unidos,*

[1] HOBSBAWN, Eric J. A era dos impérios: 1875-1914. Trad. Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. (pág. 26-27)

desenvolveu-se no sentido da profissionalização e da legitimidade, conquistando o monopólio da atividade de enfrentamento ao crime e à desordem social"[2].

Para fazer frente a esta criminalidade nova conforme exposto acima, que se alastrava em Londres, em 1829 foi criado um corpo de polícia local e descentralizado chamado *Polícia Metropolitana de Londres*, o qual teve – e ainda tem - sua sede (quartel-general) conhecida como Scotland Yard[3]. A referida instituição é apontada nas pesquisas como sendo o paradigma moderno ocidental da nova polícia.

FIGURA 1 – Prédio antigo da Scotland Yard (Polícia Metropolitana de Londres)

Antes de evoluirmos a narrativa, temos que regredir a um ponto anterior da história do Reino Unido, para depois unirmos os fatos e entendermos como a investigação criminal se institucionalizou.

2 – JONATHAN WILD: INGLATERRA NO SÉCULO XVIII

O sistema persecutório criminal se valia até então de uma forma de atuação direta, além dos *watchmans*[4], os quais eram responsáveis pela ronda noturna nas ruas da cidade, temos a figura do *thief-taker*. Com relação aos *watchmans*, os apontamentos de sua atuação remontam ao início sistemático da polícia preventiva e de patrulha das cidades, sendo estes vigias os responsáveis pela iluminação pública, acendendo as lamparinas nas ruas.

[2] BATITUCCI, Eduardo Cerqueira. A evolução institucional da Polícia no século XIX: Inglaterra, Estados Unidos e Brasil em perspectiva comparada. Revista Brasileira de Segurança Pública. Ano 4. Ed. 7. Ago/Set. 2010. p. 30

[3] Atualmentre New Scotland Yard

[4] Vigias noturnos.

FIGURA 2 – *"A cidade de Londres – Watchman"* – gravura de Jonh Bogle, 1776

Adiante, cidadãos passaram a atuar no contexto de perseguição de autores de crimes, atuando mediante o pagamento de recompensas para prender infratores (saltadores), e ficaram conhecidos como caçadores de ladrões[5]. A literatura aponta que em 1692 foi estabelecida a recompensa no valor de £ 40 pela captura de um assaltante de estrada e, nos anos seguintes, foi estendida a outros crimes, sendo aumentada em 1720, após o fim da Guerra da Sucessão Espanhola e o conseqüente aumento de crimes, quando o governo ofereceu £ 100 pela captura de um assaltante de estrada. Estabeleceu-se, assim, uma profissão na qual cidadãos se dedicavam de modo privado a este empreendimento persecutório criminal.

Neste ponto, tendo em vista o objetivo de analisarmos a história da investigação criminal, temos em realce a figura de Jonathan Wild, um dos mais famosos caçadores de ladrões, e, pela história dele, lançaremos luz sobre o panorama que alterou esta espécie de persecução criminal à institucionalização policial já mencionada.

Em contextualização e importância, aloca-se que Jonathan Wild, dada sua relevância, é citado no livro de Sherlock Holmes[6] pelo ilustre escritor Arthur Conan Doyle:

> _ O senhor já leu a respeito de Jonathan Wild?
>
> _Bem, o nome me parece familiar. Personagem de um romance, não é? Eu não ligo muito para os detetives de romances. São uns sujeitos que fazem as coisas e não deixam a gente ver como eles fazem. Eles fazem tudo por intuição e não com técnica.

---

[5] *Thief-Taker*

[6] A primeira história de Sherlock Holmes na Beeton's Christimas Annual em Londres foi publicada em 1887.

> _Jonathan Wild não era detetive, nem personagem de romance. Ele foi um mestre do crime. Viveu no século passado, em 1750 ou coisa assim.
>
> _Então não me serve. Sou um homem prático.
>
> _Sr. Mac, a coisa mais prática que o senhor faria na vida seria ficar calado por três meses e ler a historiografia do crime. Tudo acontece em ciclos até o professor Moriarty. Jonathan Wild era a força oculta dos criminosos de Londres, aos quais vendia suas idéias e sua organização por uma comissão de 15%. A velha roda continua a girar e tudo o que desce torna a subir. (...)[7]

A biografia de Jonathan Wild (1682-1725) é referendada na Enciclopédia Britânica[8], a qual informa que ele nasceu em Wolverhampton e depois de mudou para Londres, onde endividado acabou sendo preso, conhecendo diversos criminosos, e, partindo, após sua prisão, a receptar bens roubados e restituir a seus verdadeiros proprietários assumindo a então profissão de caçador de ladrões.

FIGURA 3 – Ilustração de Charles Knigth (1791-1873)[9]

Wild, de forma astuta, percebeu que era mais seguro e lucrativo devolver os bens roubados a seus legítimos proprietários do que vendê-los, e, fingindo ser um recuperador de bens roubados, montou uma rede que passava aos ladrões uma comissão do valor arrecadado em recompensa da recuperação dos bens. Mesmo após

---

[7] DOYLE, Arthur Conan. Sherlock Holmes: obra completa/Arthur Conan Doyle; (tradução Flávio Mello e Silva; Luiz Orlando C. Lemos). Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2016. p. 320.

[8] Enciclopédia Britânica 1911. Volume 28, pag. 632. Disponível em <*https://en.wikisource.org/wiki/1911_Encyclop%C3%A6dia_Britannica/Wild,_Jonathan*> Acesso em 06.set.2020.

[9] Old England: a pictorial museum of regal, ecclesiastical, municipal, baronial, and popular antiquities. London: James Sangster and Co. p. 325 (Disponível em: <*https://archive.org/details/oldenglandpictor22knig*>)

o parlamento inglês aprovar norma que transformava os receptores em cúmplices de roubo, Wild e seu *"escritório de propriedade perdida"* teve pouca dificuldade em escapar desta nova lei, prosperando seu negócio em mais duas filiais.

Observamos nesta biografia um contexto semelhante aos de gângster, mafiosos que permearam e ainda permeiam as estruturas criminais, utilizando toda uma rede de conexões para fazer valer então o que modernamente chamamos de *"crime organizado"*. Não por outro motivo Wild é apelidado de mestre do crime.

> De lucrar com roubos de que não participava. Wild veio naturalmente para arranjar roubos sozinho, e ele planejou e controlou uma enorme organização, que saqueava Londres e seus arredores por atacado. Os ladrões que se recusaram a trabalhar com ele receberam pouca atenção. O notório Jack Sheppard, cansado das ex-ações de Wild, finalmente se recusou a negociar com ele, então Wild garantiu sua prisão, e ele mesmo prendeu o confederado de Sheppard, "Blueskin". Em troca dos serviços de Wild em rastrear ladrões que ele mesmo não controlava, as autoridades por algum tempo toleraram as ofensas de seus numerosos agentes, cada um especialista em um determinado tipo de roubo, e assim elas mesmas fortaleceram sua posição. Se uma prisão fosse feita, Wild tinha um estoque abundante de evidências falsas em mãos para estabelecer o álibi de seus agentes e não hesitou em obter a condenação, por meios semelhantes, dos ladrões que se recusaram a reconhecer sua autoridade.[10]

Se auto-intitulando como *"Caçador de Recompensas Geral da Grã-Bretanha e Irlanda"*, *referências* apontam que mais de 60 ladrões foram enviados à forca por seu testemunho, sendo reconhecido, como mencionado acima, pela sua captura do criminoso mais famoso da época - Jack Shepard - um ladrão que famoso pelas fugas das prisões e que ganhou afeição popular à época, levando em comoção milhares de pessoas no seu enforcamento público.

---

[10] Enciclopédia Britânica 1911. Volume 28, pag. 632. Disponível em <*https://en.wikisource.org/wiki/1911_Encyclop%C3%A6dia_Britannica/Wild,_Jonathan*> Acesso em 06.set.2020.

FIGURA 4 – Jack Shepard por James Thornhill - 1724 – National Portrait Gallery

Nesta época, jornais diários passaram a circular e Wild astuciosamente passou a oferecer os serviços de recuperação de bens roubados nos periódicos, bem como a expor produtos que havia sido roubados, no intuito de fomentar a devolução destes, tudo isso no mesmo momento que o interesse pela literatura policial aumentava. Neste ponto, vemos, em um avanço até os dias atuais, a negociação de produtos de crimes em redes sociais, por sites de relacionamento, aplicativos, bem como a divulgação maciça de objetos roubados por vítimas de crimes que estampam bens – sobretudo veículos – que lhe foram roubados, ampliando, em algum grau o que começou com Wild.

Com o passar do tempo, as autoridades tornaram-se mais rígidas e a sorte de Wild teve outra direção de vento. Ele foi preso, julgado em *Old Bailey*[11] e, após ser absolvido de uma acusação de roubar renda, foi considerado culpado em uma segunda acusação de receber uma recompensa por devolvê-la ao proprietário sem informar a polícia, sendo, assim, condenado à morte. O enforcamento de WILD foi um grande evento público com venda de bilhetes (imagem) para melhores lugares.

[11] Tribunal Central Criminal ou Central Criminal Court na Inglaterra.

FIGURA 5 – Bilhete pelo enforcamento de Jonathan Wild. A imagem superior é a impressão do próprio Wild, mostrando-o com um boné de tecido e uma maça como símbolo de policiamento (também presente na imagem do vigia noturno acima retratada). A ilustração principal traz os emblemas da Morte e do Túmulo, encimados por elementos de aprisionamento. Entre a morte e o túmulo está um pequeno caixão. O texto convida todos os criminosos, e depois senhoras e senhores, a caminhar com seu amigo até a "árvore tripla", que era Tyburn. A forca lá era uma viga em forma de L simples arranjada com três juntas.

No enforcamento de Jonathan Wild em 1725 outra figura importante para a investigação criminal se fazia presente, era HENRY FIELDING, jovem à época da exibição da pena capital de Wild.

FIGURA 6 - Jonathan Wild, o caçador de ladrão, sentado em um carro, é apedrejado pela multidão em seu caminho para Tyburn.

Neste cenário, onde os cidadãos de forma privada eram responsáveis pela persecução e apresentação dos autores de crimes a julgamento mediante o pagamento de recompensas, e, dado o acontecimento de que diversos caçadores de recompensas debandavam para o lado dos criminosos para auferir maiores lucros e rentabilidade do que as próprias recompensas que lhes eram pagas, o juiz de paz Henry Fielding iniciou este processo de mudança que vem a ser a criação da primeira brigada de investigação criminal formada pelo Estado, força, inclusive, que cumpria mandados do magistrado, ou seja, fervedouro da polícia judiciária.

3 – HENRY FIELDING E O BOW STREET RUNNERS

Henry Fielding (1707-1754) se tornou magistrado em 1748, sendo que também era um escritor romancista, ele é autor da musica *"A carne assada de Inglaterra velha"*, canção entoada pela Marinha Britânica e pela Marinha dos Estados Unidos em eventos, tendo sido criada por Henry para uma peça teatral de sua autoria.

HENRY formou um grupo de homens que o auxiliava e cumpria seus mandados, sendo nomeados de BOW STREET RUNNERS, pois o prédio ficava em *Bow Street*. Assim, com financiamento do Estado, recebendo não das vítimas, mas do governo, uma instituição passou a existir para perseguir assaltantes e levá-los a julgamento em *Bow Street*. Temos neste ponto, uma mudança de paradigma, ainda pequena, mas embrionária. *"Inicialmente eram seis homem não uniformizados, que agiam em segredo e eram remunerados por prêmios recebidos por trabalhos executados"*[12].

FIGURA 7 – Henry Fielding – autor desconhecido – domínio público

Mesmo com o sucesso inicial dos casos, havia ainda uma necessidade de consolidação e de pagamento aos *Runners*, sendo que no fim de 1753 o governo aprovou uma proposta de Henry Fielding, uma subvenção anual de £ 200 foi estabelecida e permitiu a manutenção de um grupo estável de funcionários com

[12] SANTOS, Célio Jacinto dos. Teoria da investigação Criminal. Belo Horizonte: Del Rey, 2020. Pág. 04

registros detalhados de suas atividades, consolidando, assim, um novo modelo de escritório e da atividade de policiamento.

Embora responsável pela gênese, Henry não ficou à frente do *Bow Street Runners* por muito tempo, pois teve complicações de saúde e acabou por falecer em 1754, sendo que, após a sua gestão inicial, ocorreu a consolidação dos *Runners* com a liderança do irmão de Henry, o criminalista e magistrado John Fielding.

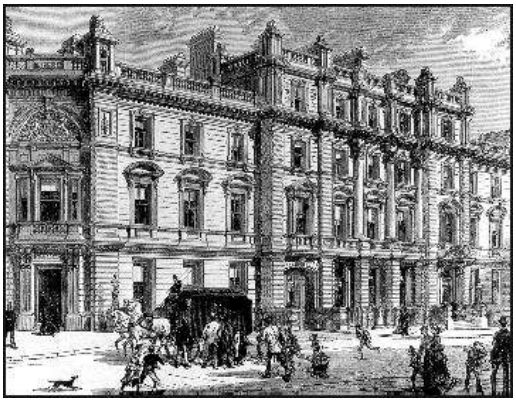

FIGURA 8 – Escritório Bow Street Runners final do século XIX – autor desconhecido

3. 1 – JHON FIELDING E O BOW STREET RUNNES

John Fielding (1721 – 1780) era irmão de Henry, sendo cego desde os 19 anos em decorrência de acidente de quando servia à marinha. Estudou direito e acabou sendo nomeado assistente de seu irmão em *Bow Street*. Quando Henry faleceu em 1754, John se tornou magistrado e ficou conhecido pelo apelido de *"Bico Cego"*. Há apontamentos de que John era meticuloso e conseguia reconhecer mais de 3.000 criminosos apenas pelo som da voz.

Os integrantes do *Bow Street Runners* não patrulhavam, mas cumpriam mandados e prendiam infratores sob a autoridade dos magistrados, viajando por todo país para prender criminosos. Vejamos que está é a forma, ainda em nascedouro institucional, que até hoje agentes da autoridade policial vão em diligências investigativas de cumprimentos de mandados de intimação, de busca e apreensão, de prisão, entre outros.

FIGURA 9 – John Fielding – Óleo sobre tela – *Nathaniel Hone the Elder* - 1762

John conseguiu, quando assumiu o juizado de *Bow Street*, construir uma força regular, reconhecida oficialmente e com remuneração dos *Detetives (público)*. Mesmo sendo cego, John era um grande organizador, e também um criminalista genial, sendo que selecionou e instruiu os seus detetives, organizando, também, o boletim de informações policiais que auxiliavam, e muito, no esclarecimento de crimes.

Conforme exposto por J.M. Beattie, uma das principais atividades desenvolvidas pelos escriturários e auxiliares do escritório Bow Street era a coleta e registro de informações sobre os delitos e infratores, sendo possível criar uma espécie de banco de dados criminal que pudesse ser útil aos demais policiais em suas tarefas de investigação[13].

[13] JM Beattie (2012) *Os primeiros detetives ingleses. The Bow Street Runners and the Policing of London, 1750-1840* . Imprensa da Universidade de Oxford. Pág. 27-28

FIGURA 10 – Bow Street Runners[14]

Livros com registros de roubos[15], bem como livros com registros de suspeitos, foram lavrados junto ao *Bow Street Runners*, criando uma série de anotações que fica impossível não ligá-los aos atuais registros policiais modernamente realizados pelas instituições policiais investigativas.

Assim, escriturários e assistentes foram contratados para dar corpo ao volume de informações e anotações que o escritório produzia dia após dia. Nesta época, William Marsden se tornou secretário de registro para supervisionar a coleta de informações sobre criminosos e suspeitos[16], tornando o *Bow Street* em um local, que, novamente, não há como não ligá-lo aos cartórios de Delegacias de Polícias modernas.

Observa-se que a primeira brigada de detetives do mundo se preocupou em realizar atos de análise criminal, de catalogação e de classificação, sendo, de maior a menor grau, ainda hoje, elemento de conjectura e estudo de toda gestão em segurança pública moderna, em acervo de ocorrências, acervos de fotografias de investigados, entre outros.

Com o crescimento da imprensa e dos periódicos, John Fielding também passou a utilizar um diário para dar conhecimento à população de criminosos conhecidos, nos fazendo novamente a ligação deste fato com os programas *PROCURA-SE*, os quais são bastante difundidos pelas policiais pelo mundo.

O sucesso do Bow Street Runners é, sem dúvida, o ponto que permitiu a mudança de paradigma de enfrentamento à criminalidade que as cidades passaram a ter após a primeira revolução industrial, sendo, de forma embrionária na Inglaterra, como foi com Vidoq na França, a primeira brigada de detetives do mundo.

---

[14] Bow Street Magistrates' Court in London: This engraving was published as Plate 11 of *Microcosm of London* (1808) (see File:Microcosm of London Plate 011 - Bow Street Office .jpg). Thomas Rowlandson (1756–1827) and Augustus Charles Pugin (1762–1832) (after) John Bluck (fl. 1791–1819), Joseph Constantine Stadler (fl. 1780–1812), Thomas Sutherland (1785–1838), J. Hill, and Harraden (aquatint engravers)

[15] JM Beattie (2012) *Os primeiros detetives ingleses. The Bow Street Runners and the Policing of London, 1750-1840* . Imprensa da Universidade de Oxford. Pág. 29

[16] _____ pág. 30

FIGURA 11 – Integrantes do Bow Street Runners

No novo século – XIX – consideravelmente se diminuíram os índices de criminalidade na metrópole – Londres -, diminuindo, assim, a ação dos *Runners*, sendo que na década de 1820, pouco mais de 10% dos criminosos levados a julgamento em *Old Bailey* eram de responsabilidade de *Bow Street*[17].

Henry Gooddard um dos originais do *Bow Street Runners*, no ano de 1935, usou pela primeira vez uma comparação de balística para capturar um homicida, sendo que ao analisar o projétil extraído do corpo de uma vítima de homicídio, percebeu uma protuberância (um defeito) que acreditou ser um defeito do molde.

> As armas da época eram de antecargas e, normalmente, os seus proprietários produziam seus projéteis em moldes. Goddard acreditava que achando o molde encontraria o assassino. A partir dessa idéia, Goddard passou a examinar os moldes nos quais os suspeitos fabricavam seus projéteis de chumbo, encontrando em um deles uma deformação que se repetia em todos os projéteis produzidos por este molde e idêntico ao extraído do corpo da vítima. O que levou o suspeito a confessar o seu crime. Com Goddard nasceu um novo método para investigar os crimes com armas de fogo[18].

Mesmo assim, após a criação da *Polícia Metropolitana de Londres* em 1829, as responsabilidades de policiamento dos magistrados de *Bow Street* diminuíram consideravelmente, tendo o grupo acabado em 1939, quando foi incorporado pela na Scotland Yard.

DAS CONCLUSÕES

---

[17] JM Beattie (2012) *Os primeiros detetives ingleses. The Bow Street Runners and the Policing of London, 1750-1840* . Imprensa da Universidade de Oxford. Pág. 222-223

[18] MINISTÉRIO DA JUSTIÇA. Curso de Balística Forense. Senasp. Módulo 1. Pág. 04. Disponível em: <http://assindelp.org.br/files/conteudo_arquivo/12168/modulo-1.pdf>. Acesso em 07.set.2020.

A transição exposta entre os séculos e a consolidação de uma 'nova polícia', institucionalizada, com o ícone da primeira brigada de detetives, com foco principal em crimes patrimoniais, nos referencia a argüir que o foco do primeiro ateliê de investigação - Delegacia de Polícia - nos moldes modernos, foi para enfrentar crimes de roubo, furto e receptação.

Certo é que a investigação criminal e a sua história de consolidação institucional, ou seja, de formação de instituição estatal para atuação frente ao crime, antes privado, agora público, ganhou novos contornos com a primeira brigada de detetives que, inclusive, serviram de inspiração para diversos artistas e escritores, os quais se valeram da representação real dos primeiros detetives da Inglaterra para formarem personagens icônicos e magistrais ao longo da história moderna: do detetive indutivo *Sherlock Holmes* de Arthur Conan Doyle ao detetive *Auguste Dolp*in de Edgar Allan-Poe, do detetive de quadrinhos *Dick Tracy* de Chester Gold ao Inspetor *Closseau* do filme A Pantera Cor-de-Rosa, evidenciando a imensa representatividade histórica da investigação criminal e das instituições policiais de investigação.